

“Não se destrói senão o que se substitui”

Vanise G. MEDEIROS

(Uerj, Puc-Rio)

Gostaria de destacar um fragmento do texto de Pêcheux e Fuchs “A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975)” como mote para o debate: “não se destrói senão o que se substitui” (p.164). Mote por vários motivos, mas que, no momento – em função da leitura que fiz de Pêcheux e das leituras que fiz dos textos das panelistas¹ com quem divido a mesa como debatedora – destaco dois, quais sejam: em função da preocupação no texto quanto à precisão e em função do trabalho do quadro epistemológico.

Em primeiro lugar, este é um texto de transição na obra de Pêcheux (Maldidier,1990): debruça-se sobre o que já foi feito (AAD 69) para se lançar para uma etapa ulterior, para usar um termo recorrente na obra de Pêcheux. Um texto extremamente denso, como todos sabem, em que, como já disseram as panelistas, se encontram várias retomadas e reformulações teóricas. Retomadas e reformulações teóricas que passam por um esforço exaustivo em precisar, definir e problematizar conceitos caros à teoria em questão e ao dispositivo analítico que se está formulando, tais como: ideologia, condições de produção, formação discursiva, formações ideológicas, enunciação, esquecimentos 1 e 2 (seus lugares e suas relações), sujeito (e assujeitamento), leitura e efeito-leitor, interdiscurso, paráfrase (e famílias parafrásticas), sentido, língua e discurso.

Em breves palavras, tanto no texto quanto nas notas de página (e estas são inúmeras) há um intenso processo de definição e ajuste de conceitos, noções e também de termos utilizados, denunciando o esforço teórico de ir além de um quadro teórico já proposto (AAD 69). À guisa de exemplo, o próprio termo esquecimento é precisado em nota: “o termo esquecimento não remete, aqui, a um distúrbio individual da memória. Designa, paradoxalmente, *o que*

¹ Coracini, Ma. J; Hoff, B. E.; Grantham, M. R.

nunca foi sabido e que, no entanto, *toca o mais próximo* o “sujeito falante”, na estranha familiaridade que mantém com as causas que o determinam... em toda ignorância de causa” (1990, p. 238). Cito ainda três outros exemplos: (i) a noção de produção, que, em nota (*idem*, p.237), Pêcheux procura diferenciá-la do que seria seu sentido econômico ou epistemológico ou psicolingüístico. A ele interessa produção como “produção de efeito”; (ii) a distinção entre a noção de aparelho e de instituição. Esta distinção está no cerne da articulação de uma teoria do imaginário – conforme Pêcheux, faltava à AAD 69 uma teoria do imaginário localizada em relação ao real (*ibidem*, p.171) –, que, por sua vez, possibilita a articulação de uma teoria não-subjetiva, ou melhor, de uma teoria que venha a dar conta da “constituição do sujeito em uma situação concreta de enunciador” (*ibidem*, p.171); (iii) a definição e delimitação do *corpus*. *Corpus* é uma questão fulcral neste texto e uma questão na qual Pêcheux esbarra a cada reformulação. É preciso explicar, ainda que brevemente.

A constituição do *corpus* bem como as implicações dessa constituição passam pela concepção de paráfrase (pela repetição) – quase central neste texto –, por uma discussão sobre a própria segmentação do discurso, pela concepção de leitura e pelo rompimento do fechamento de uma formação discursiva – se uma formação discursiva fornece elementos para outras formações discursivas, o *corpus* deverá dar conta deste para além da formação discursiva. Daí ser tratado em inúmeras páginas – para citar algumas, página 171 (quando *corpus* é proposto como “ponto de partida para a AAD”), 182, 183, 185, 222, 231, 239 (em que se define, em nota, *corpus discursivo*); daí ser o cerne da segunda parte do texto²: a que se debruça não apenas sobre as críticas à AAD 69, mas, sobretudo, a que pretende lançar novas perspectivas para a teoria.

Julgo a questão do *corpus* importante para uma discussão nesse texto como noção que expõe também um conflito: entre a tentativa de abertura da “máquina” pela reformulação da noção de formação discursiva (cf. acabamos todos de recuperá-la neste painel) e o fechamento que se tinha anteriormente na AAD 69 e do qual a teoria está prestes a se desfazer. Para iluminar este

aspecto lembro que neste texto *corpus* ainda é pensado como composto de textos “de extensão variável (ou seqüências discursivas), remetendo a condições de produção consideradas estáveis (...)” (*ibidem*, p.239).

Ou seja, se a AAD 69 foi escrita como uma “urgência teórica” (estou recuperando Malidier em *L’Inquiétude du discours*), aqui tem-se o esforço de precisão, de que nos falou Coracini (2003) neste painel. Esforço que se denuncia no título – destaque o termo “Mises au point”, que julgo poder traduzir por afinar, ajustar. Temos, pois, Pêcheux preso às teias da cientificidade para podê-las implodir, como sabemos em textos posteriores, conforme apontou Coracini. Desta lembro ainda a supressão do adjetivo “automática” ao substantivo “análise”. Esforço, enfim, que passa também pela definição, delimitação e operacionalização do *corpus*. Esta é minha primeira intervenção: propor uma reflexão sobre a noção de *corpus* neste texto

Ainda tomando o mote – não se destrói senão o que se substitui -, destaque, em segundo lugar, o quadro epistemológico. Dado o tripé, que articula diferentes regiões do saber – materialismo histórico, lingüística e teoria do discurso –, a reformulação teórica passa pela precisão do lugar do materialismo histórico na AD: um lugar diferente daquele do materialismo histórico na sociologia e daí a preocupação com a noção de ideologia como tendo uma materialidade específica. Se a lingüística e uma lingüista (Catherine Fuchs) foram convocadas, o foram para se problematizar e reformular agora a noção de enunciação (vale lembrar que a noção de língua já tinha sido exposta, ainda que neste texto se a retome novamente) e assim se poder trabalhar uma teoria não-subjetiva. Já no que se refere à teoria do discurso, esta também serve a uma reformulação: da noção de discurso. Ou seja, se a teoria que se elabora é devedora de saberes distintos, de regiões distintas de saber, não é, contudo, como bem lembra Grantham (2003) citando Orlandi, delas servil. Antes serve-se dessas regiões.

Estas três regiões são travessadas por uma quarta: a psicanálise, que serve substancialmente para a noção de sujeito que se formula. A AAD 69 traz, portanto, para sua elaboração três regiões atravessadas por uma outra – por

² Parte esta que, vale lembrar, não se apresenta na seleção feita por Malidier dos textos de

uma teoria da subjetividade. É aí que entra a psicanálise, isto é: para fornecer a base de uma teoria que se pretende não subjetiva. Mas da psicanálise Pêcheux não trata, como Coracini nos mostrou. Tampouco da relação entre ideologia, discursividade e inconsciente “não pretendemos de modo nenhum resolver a questão da relação entre ideologia, inconsciente e discursividade” (1990, p.177)

“Não se destrói senão o que se substitui”- enunciado retomado por Pêcheux dele mesmo que cita Danton para, conforme Pêcheux, destruir a análise de conteúdo (*idem*, p.171), para – cito o autor mais uma vez – “preparar terreno para um deslocamento-substituição teórica”, razão pela qual diferentes regiões do saber – o quadro epistemológico “heterogêneo e conflitante” da AD (conforme Coracini)– são convocadas e articuladas.

“Não se destrói senão o que se substitui”- mote que serve agora para sublinhar a observação de Coracini quanto à ausência de uma explicitação da psicanálise neste texto e reforçar a pergunta: qual o lugar da psicanálise nesse texto e nos que se seguem?

Bibliografia

CORACINI, Maria. José. R. F. Ler Pêcheux: entre dúvidas e certezas. Texto apresentado no painel 4 – “Mises au point et perspectives à propos de l’analyse automatique du discours (1975)” – do I Seminário em Análise de Discurso, UFRGS, 2003.

ECKERT-HOFF, Beatriz Maria. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). Texto apresentado no painel 4 – “Mises au point et perspectives à propos de l’analyse automatique du discours (1975)” – do I Seminário em Análise de Discurso, UFRGS, 2003.

GRANTHAM, Marilei Resmini. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). Texto apresentado no painel 4 – “Mises au point et perspectives à propos de l’analyse automatique du discours (1975)” – do I Seminário em Análise de Discurso, UFRGS, 2003.

PÊCHEUX, Michel, FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975) in GADET, Françoise e HAK, Tony. (orgs) *Por uma análise automática do discurso*, Campinas: editora da Unicamp, 1990.

MALDIDIER, Denise. *L’inquiétude du discours*, Ed. Cendres, 1990.